



Quaresma 2023 – A oração, caminho para viver a nossa vocação filial

## Os combates espirituais de Jesus

**Dois vezes os Evangelhos narram um combate espiritual de Jesus**, uma antes de inaugurar a vida pública e outra antes de entrar na Paixão, a saber: **as tentações no deserto e a aceitação da cruz no Getsémani**. São dois momentos essenciais para Jesus. Vitorioso e aceitando o desígnio do Pai sobre Si e pelos homens, Ele cumpre a sua vocação e missão e, desta forma, torna-se fonte de salvação para a nossa humanidade. Assim, estes dois acontecimentos tornam-se para nós, que queremos ser discípulos de Jesus, uma rica fonte de meditação, para aprendermos com Ele.

Os três Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) colocam a prova das tentações no deserto logo após o batismo, durante o qual a voz do Pai se fez ouvir, revelando a identidade real de Jesus, que até então era conhecido como um Nazareno, filho José e de Maria: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado», diz então a voz do Pai (Mt 3,17). Além disso, entre o batismo e as tentações no deserto, São Lucas insere no seu Evangelho a genealogia de Jesus, concluindo que Ele é [filho] «de Adão, filho de Deus» (Lc 3,38). Além do mais, o Espírito Santo, que tinha descido sobre Ele no batismo, continua sempre presente em Jesus e condu-l'O ao deserto.

**É, pois, confortado na Sua identidade e sob o impulso do Espírito Santo que Jesus vai para o deserto, lugar do encontro a sós com Deus e lugar do combate espiritual.** Aliás, Satanás tentará por duas vezes Jesus, invocando explicitamente a qualidade do seu ser: «Se és Filho de Deus...». É de facto Ele, Aquele que acabou de ser manifestado como Filho de Deus, que vai ser posto à prova; e é o mesmo Espírito que repousa sobre Jesus que hoje O conduz ao deserto para aí sofrer a prova da tentação. Mas em que consistem precisamente essas tentações?

## A tentação de realizar prodígios

«Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães». Ou: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo». O motivo invocado pelo diabo não é falso, Jesus é mesmo Filho de Deus. A provação do deserto refere-se realmente a esta filiação divina, mas as consequências que o demónio dela tira são erróneas e constituem a tentação propriamente dita. Jesus ouviu a voz do Pai dizer-Lhe Quem Ele era, mas terá Ele compreendido bem? E que consequências daí tirará? Mudar as

pedras em pão, atirar-Se do pináculo do templo são duas tentações que encobrem uma só e a mesma tentação: valer-Se do título de Filho de Deus para Si próprio. O diabo queria que Jesus manifestasse prodígios para gozar de plena independência relativamente ao que, na verdade, é um dom do seu Pai. De certa maneira, **o demónio convida Jesus a comprovar a realidade da sua identidade através de prodígios, para seu próprio proveito ou para Se certificar:** ‘Deus disse-Te que eras seu Filho, então demonstra-o!’

Esta tentação lembra aquela a que o homem sucumbiu no Jardim do Éden. A serpente convidou o primeiro casal a desconfiar de Deus: «‘Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal.’» (Gênesis 3,4-5). Ser como deus no meio da Criação, decidindo do bem e do mal, dominando os elementos para proveito próprio, eis o que o homem julgava adquirir. **O que é de notar nas respostas de Jesus, é que Ele apela à sua humanidade e à sua relação com o Pai para afastar a tentação e revelar assim o que significa realmente ser Filho de Deus. Ser Filho de Deus não dá privilégios nem poderes especiais, mas compromete a viver esta relação de filiação.**

O convite do demónio na primeira tentação tem uma certa legitimidade: é normal ter fome depois de quarenta dias de jejum e, uma vez terminado o período de jejum, é legítimo tomar um alimento substancial. Mas Jesus é um ser profundamente unificado na sua identidade filial, Ele sabe que ser Filho é, antes de mais nada, estar voltado para o Pai e receber d’Ele a vida e o ser: «*No início existia o Verbo; o Verbo estava voltado para Deus; e o Verbo era Deus*» (Jo 1,1), como apresenta com acerto a Tradução Ecuménica da Bíblia. E Jesus reafirmará esta dependência vital: «*O meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que Me enviou e consumir a sua obra.*» (Jo 4,34). Eis o que é ser Filho: saber de onde vem a minha vida, de quem recebo o ser, a identidade e a minha missão.

## Permanecer voltado para o Pai

Com a tentação de Se lançar do alto do Templo, o demónio quer que Jesus faça um ato extraordinário para demonstrar a proteção divina de que beneficia como Filho, tanto para Se certificar da eficácia dessa proteção, como para suscitar admiração. Mas **o Filho conhece o Pai, não tem necessidade de O pôr à prova para ter a certeza da Palavra escutada.** Além disso, a sua vocação e missão são cumprir as obras do Pai: as suas obras são as obras do Pai e Ele não faz mais nada para além delas. Claro que, no decurso do seu ministério público, Jesus manifestará o poder de Deus, mas nunca para glória própria: sempre ao serviço da sua missão.

Com a última tentação o diabo queria que Jesus fizesse um ato de adoração para receber em herança o reinado sobre o universo, como está escrito no Salmo 2: «Pede-me e Eu te darei os povos como herança e os confins da terra por domínio.» Mas como poderia Ele receber o dom prometido se Se afastasse do Único que Lho pode conceder, no tempo determinado: o Pai? A vocação do Filho é permanecer voltado para o Pai para receber a vida e cumprir as suas obras. Fiel às atitudes filiais, o Filho espera do Pai o dom prometido quando Ele Lho conceder. E é por permanecer fiel e paciente que pode esperar receber o dom prometido. **O Filho não exige nada como devido,** Ele permanece fiel na espera da realização das promessas de seu Pai.

## A rivalidade ou a aliança

Ao descobrir a nossa identidade, o nosso valor, **a tentação fundamental, tanto para Jesus como para o homem, é colocar-se como rival de Deus nosso Pai, ou querer tornar-se proprietário, apoderar-se daquilo que deve continuar a ser uma relação de aliança e de confiança.** Ora, a nossa identidade e vocação não são uma presa que devamos tomar e defender ciosamente contra quem no-las queira tirar. O que somos é um dom que se recebe e que se vive numa relação de dependência que é filiação. «Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus: Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-Se semelhante aos homens (...) Por isso mesmo é que Deus O elevou acima de tudo e Lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome» (Fil 2,5-9). Ao inaugurar o seu ministério público através das tentações no deserto, Jesus torna a viver as provas do primeiro casal e também o êxodo do povo judeu, mas mostra-nos como podemos sair vencedores. Jesus sempre Se deixará determinar pelo desígnio do Pai. Ser-Lhe-á fiel ao longo de toda a vida, porque, longe de querer tornar-Se como Deus, aceitará livremente não Se apropriar do seu ser igual a Deus. Pelo contrário, encontrará a vida na obediência e na dependência para com o seu Pai. O Filho é o que é por dom do Pai: afastar-Se desta fonte do seu próprio ser seria, seguramente, perder a sua identidade.

Esta disposição interior exprime-se pela maneira como Jesus invoca a Palavra de Deus. Ele conhece as Escrituras para delas viver, para guiar as suas escolhas. Pelo contrário, o diabo usa-as de forma errónea, tirando os versículos do seu contexto e lendo-os de forma fundamentalista: assim coloca a Escritura ao seu serviço, pervertendo-a. Jesus, por seu lado, retoma os preceitos fundamentais e conforma com eles a sua atitude. Para rejeitar as tentações, apela à Palavra de Deus que, como uma luz, desmascara o erro e, como uma espada, repele o inimigo. Pela sua atitude Jesus cumpre as Escrituras, e, assim, realiza a sua vocação e consolida a sua identidade. «Foi provado em tudo como nós, exceto no pecado», dirá o autor da epístola aos Hebreus (4,15). **Jesus foi confrontado pela fome, pelo orgulho, pelo desejo de poder, de imediatez, mas saiu vencedor e fortalecido.** Jesus tinha revelado a sua identidade aquando do seu batismo e a provação no deserto confirmou que Ele tinha realmente acolhido esta identidade e a sua vocação como dom de Seu Pai.

São Pedro na sua primeira epístola recorda aos cristãos que o mesmo se passa com eles. «*Bendito seja Deus, Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo, que na sua grande misericórdia nos gerou de novo através da ressurreição de Jesus Cristo (...) É por isso que exultais de alegria, se bem que, por algum tempo, tendeis de andar aflitos por diversas provações; deste modo, a qualidade genuína da vossa fé - muito mais preciosa do que o ouro perecível, por certo também provado pelo fogo - será achada digna de louvor, de glória e de honra, na altura da manifestação de Jesus Cristo.*» (1P 1,3-7).

## As três atitudes filiais fundamentais

Jesus é Filho de Deus não porque transforme as pedras em pão, nem porque Se pode atirar no vazio, nem porque é livre de prestar culto a quem quiser. Mas, superando as três provas do deserto, Jesus revela-nos as três atitudes filiais fundamentais. Somos filhos de Deus porque:

- Recebemos de Deus a vida e a subsistência quotidiana, resistimos à tentação de auto-suficiência;
- A nossa resposta é antes de mais um ato de confiança na Palavra escutada; resistimos à tentação de colocar Deus à prova;
- Permanecemos fielmente voltados para Ele num ato de adoração, para receber os dons prometidos e resistimos à tentação de nos apropriarmos do que deve permanecer como um dom.

Assim, o Filho é Aquele que está voltado para Deus, seu Pai, num ato de confiança e de espera perseverante do dom que vem, o que se exprime teologicamente no prólogo de João já citado: «No início existia o Verbo; o Verbo estava voltado para Deus; e o Verbo era Deus.» (TOB, Jo 1,1) O Verbo é Filho de Deus porque permanece voltado para o Pai: toda a infidelidade a esta atitude filial, por mínima que fosse, seria uma negação do seu ser.

Permanecer voltado para o Pai, num ato de confiança e de amor, para alcançar d'Ele, com paciência, a salvação prometida, tal é a atitude filial fundamental, e compreendemos desde logo facilmente que esta atitude encontra, na oração pessoal, um lugar privilegiado para se expressar realmente na nossa vida. Podemos mesmo dizer que **a oração é o lugar em que eu me exercito em ser filho: tirar tempo para estar voltado para o Pai, reconhecê-lo como Pai, fonte da minha vida, receber a sua Palavra como alimento, afirmar-Lhe a minha confiança num ato de profundo reconhecimento e adoração e, deste modo, permanecer na Esperança.** Veremos, ao longo deste retiro, como viver este compromisso filial na oração e, assim, compreender como ela se insere na nossa vocação fundamental para encontrar uma unidade de vida.

## Pistas para aprofundar a meditação

Para entrar neste caminho filial, posso colocar-me algumas perguntas:

- Destas três atitudes filiais fundamentais qual é para mim a mais frequente, fácil e habitual?
- E, inversamente, qual é para mim a mais difícil?
- Que imagens de Deus e de mim mesmo, da minha identidade e da minha vocação, revelam estas dificuldades?

Frei Antoine-Marie Leduc,  
ocd (convento de Avon)



## Oração em cada dia da semana – Semana 1

### Segunda-feira, 27 de fevereiro: A Caridade em atos

«Vinde, benditos de meu Pai, porque tive fome, e destes-me de comer; Tive sede e destes-me de beber...» (Mt 25, 31-46)

«Fazei compreender bem estas coisas [às candidatas] que receberéis. Que elas não pensem que bastam as palavras; mas que saibam que são necessárias também as obras.» (Santa Teresa de Jesus, Caminho de Perfeição)

Tiro um tempo para a oração a fim de oferecer o meu dia a Deus, pedindo-Lhe a graça de estar atento/a à Sua presença nos acontecimentos, nos encontros que tiver neste dia.



### Terça-feira, 28 de fevereiro: Percorrer o caminho do Perdão.

«Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vos não perdoará as vossas.» (Mt 6,7-15)

«Há na Comunidade uma Irmã que tem o condão de me desagradar em todas as coisas. (...) disse comigo que a caridade não devia consistir nos sentimentos, mas nas obras. Então apliquei-me a fazer por esta Irmã o que faria pela pessoa que mais amo.» (Santa Teresa do Menino Jesus, Manuscrito C, 13v-14r)

Bem vês, Senhor, bem sabes, o que este verbo «perdoar» faz despertar no meu coração; confio-te isto, a Ti o entrego; ensina-me a dizer «Pai-Nosso».

### Quarta-feira, 1 de março: Escutar a única Palavra

«A rainha do sul (...) veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão (...) ora aqui está Quem é maior do que Jonas» (Lc 11,29-32)

«Uma palavra falou o Pai, que foi o seu Filho, e di-la sempre em eterno silêncio, e em silêncio a há de ouvir a alma.» (São João da Cruz, Ditos de Luz e Amor, Pontos de Amor 99)

No silêncio deixo ressoar esta Palavra única do Pai.



### Quinta-feira, 2 de março: Crer na Palavra

«Tudo o que pedirdes ao Pai em Meu nome, Ele vo-lo concederá.» (Jo 15,16)

«Como é grande o poder da oração! Dir-se-ia uma rainha que tem livre acesso junto do rei a cada instante e que pode obter tudo quanto pede.» (Santa Teresa do Menino Jesus, Ms C, 25r)

Tiro um tempo de silêncio para me deixar invadir pela confiança na oração feita em Nome de Jesus.



### Sexta-feira, 3 de Março: Orar em verdade

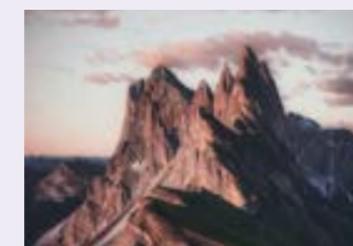
«Se alguém disser: 'Eu amo a Deus', quando odeia seu irmão, é um mentiroso.» (1 João 4,20)

«Sim, parece-me que nunca procurei senão a verdade...» (Santa Teresa do Menino Jesus, CA, 30/9/1897)

Que oferenda posso apresentar a Deus na minha oração e a que tipo de reconciliação me convida Ele?



«Philosophe en méditation» - Rembrandt



### Sábado, 4 de Março: Estar diante de Deus por todos

«Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei.» (Jo 15,12)

«Estar diante de Deus por todos.» (Santa Teresa Benedita da Cruz – Carta de 14 de Maio de 1934 a Fritz Kaufmann)

Abandono-me ao Espírito para amar com o mesmo amor com que Jesus nos ama.